

Contra o Aumento do Custo de Vida

1. 1971 foi o ano em que se notou uma mais substancial subida de preços, fundamentalmente, nos produtos de primeira necessidade (alimentação, rendas de casa, transportes, etc).

É assim que por exemplo:

-- os preços no consumidor, no Porto, que já tinham aumentado 10% em 69, 5% em 70, em 71, e só de Janeiro a Novembro aumentaram mais de 11% (em Lisboa, no mesmo período, o aumento foi de 16%) .

-- as rendas de casa, aumentaram 60% em Viseu, 19% em Coimbra e 18% no Porto.

-- o preço da água, aumentou 40% em Coimbra, 50% em Vila Real e 42% em Guimarães

-- quanto aos produtos alimentares:

a) a carne de porco, aumentou no Porto de 50⁰⁰ para 64⁰⁰ por Kg (28%), acontecendo o mesmo à carne de vaca, que aumentou cerca de 20% .

b) o preço do bacalhau, aumentou mais de 25% e quanto à sardinha, o seu preço aumentou de 59% (11⁰⁰ para 17⁵⁰) .

Foram as classes trabalhadoras, e de uma maneira geral, as camadas não monopolistas quem mais directamente sentiu o aumento de custo de vida . No entanto, os estudantes, não só porque os seus agregados familiares pertencem na sua grande maioria, aos sectores não monopolistas, mas também devido a alguns aumentos que directamente os atingem-- por exemplo, aumento nos preços dos transportes públicos, aumentos espectaculares nos livros e alugueres de quartos em casas particulares (o qual atingiu 50% nos últimos dois anos)-- sentiram também, fortemente, o aumento de custo de vida. Isto para já não referirmos o aumento dos preços nos artigos consumidos em cafés, locais de que os estudantes fazem largo uso por não haver salas de estudo e locais de convívio nas escolas.

2. Esta situação, que tende a agravar-se constantemente, tem como causas principais:

a) as despesas com a Guerra Colonial e as despesas com a " segurança " (P.I.D.E.-D.G.S. , Legião e todo o aparelho repressivo do Estado), que no ano de 1971 atingiu o montante de 15 milhões de contos.

b) a recente desvalorização do escudo, que relativamente ao marco atingiu 16,1%, ao yen 20,1% e ao franco 11,1% . Como facilmente se compreende esta desvalorização tem como resultado imediato o agravamento das dívidas contraídas pelo governo, bem como o encarecimento das numerosas importações efectuada (desde máquinas e bens de consumo, até ao material de guerra) .

c) o turismo (em que se investe tanto como na agricultura) e a emigração dão ao país milhões de divisas. No entanto, estas, regressam ao estrangeiro para pagar os produtos importados já referidos.

3. Qual a resposta que o Governo de Marcelo Caetano tem dado além de

ser forçado, pela pressão das lutas reivindicativas das classes trabalhadoras e de camadas não monopolistas da população, a reconhecer nas "conversas em família" e nas notas e "explicações" dos seus ministros que a situação é grave?

Tem respondido com:

--Continuação duma política de protecção aos monopólios (de que o governo de Marcelo Caetano é um fiel representante), grandes responsáveis pelo aumento dos preços, a custa dos quais continuam a auferir de fabulosos lucros, facto que M. Caetano procura demagógicamente escamotear quando afirma que os preços sobem devido ao aumento de salários.

--Aumento dos impostos indirectos, que atingem em cheio as classes trabalhadoras e também amplos sectores populacionais não monopolistas.

--Aumento das inspecções do I.G.A.E. sobre os pequenos produtores e comerciantes, que não podendo sustentar as tabelas de preços impostas pelos monopólios através do seu governo, são forçados em muitos casos a fechar a porta (ainda só no último mês, no distrito de Setúbal, cerca de 200 mercearias tiveram de fechar)

--Intensificação e continuação da guerra colonial, o que implica uma dependência cada vez maior do imperialismo a qual se traduz:

a) A alienação cada vez maior dos vários sectores da economia nacional aos grandes grupos monopolistas internacionais.

b) A intensificação da repressão contra as justas lutas dos trabalhadores, para permitir uma mais completa e feroz exploração por parte dos grandes grupos monopolistas já referidos.

Um exemplo bem significativo disto foi o que se passou recentemente na Grundig em Braga: nesta fábrica os patrões (alemães) tentaram mudar os operários do Sindicato dos Metalúrgicos para o Sindicato dos Electrecistas, para não terem de pagar os aumentos previstos no recente C.C.T. dos Metalúrgicos. Os operários da fábrica recusaram-se a assinar a folha de salários do sindicato dos electrecistas e na 2ª feira seguinte iniciaram uma greve que paralisou completamente o trabalho na fábrica. Os alemães tentaram intimidar os operários fechando-os em diferentes secções para os separar, e chamaram seguidamente a polícia de choque e a Pide-D.S.S. Quando as forças repressivas se preparavam para invadir a fábrica tiveram de recuar pois os operários ameaçaram defender-se utilizando para isso as máquinas existentes no interior da fábrica. Por outro lado havia a possibilidade de uma acção de solidariedade de operários do mesmo ramo industrial no Porto.

Perante a unidade e combatividade manifestada pelos operários o patronato e o seu governo tiveram de recuar e satisfazendo as reivindicações dos operários cujos vencimentos vieram a registar aumentos entre 40% e 70%.

--A alienação de facto de certas partes do território nacional para a construção de bases militares que põem em perigo a segurança do povo português e onde a soberania portuguesa deixa de se exercer.

(É por demasiado conhecida a "americanização" verificada na Base Aérea das Lages, onde por exemplo todas as trocas comerciais são efectuadas em dólares e onde existe um enorme destacamento do exército norte-americano).

4. A esta situação têm os trabalhadores dado resposta através da sua luta por aumento de salários, melhores condições de trabalho, contra a repressão, etc.

São de salientar, para além da greve na Grundig (já referida):

--Manifestação do 1º de Maio, no Porto, com cerca de 25.000 pessoas, que constituiu uma grandiosa jornada de luta contra o aumento de custo de vida e contra a guerra colonial.

--Greves na fábrica de ferro, em Pafe, dos estivadores em Matosinhos, dos pescadores de Matosinhos, pelo feriado do 1º de Maio, dos operários da Satal,

em Oliveira de Azeméis.

- Paralizações de Trabalho nos textéis da Covilhã (fábricas de Ernesto Cruz) e na Sociedade de Fabricantes do Tortosendo.
- Abaixo-assinados nas fábricas Oliveira e Ferreirinha, Prometaliz e Sonafi, no Porto.
- Nos sindicatos a luta dos trabalhadores pela actualização dos C.T.T. e pela sua aplicação na prática, tem-se acentuado sendo de destacar nos tempos mais recentes:
 - a) Concentração de 1000 metalúrgicos em frente à sede do I.N.T.P. no Porto, exigindo a aplicação do C.C.T. já aprovado, mas que os patrões e o governo se vêm negando a aplicar.
 - b) A luta dos bancários na defesa do seu sindicato e pela eleição dum verdadeira direcção representativa para o lugar da Comissão Administrativa nomeada pelo governo quando das amplas movimentações do verão passado contra a prisão do dirigente sindical Daniel Cabrita.
 - c) Lutas no sindicato dos empregados de Seguros, no Porto.
- Lutas dos Camponeses:
 - a) Ocupação por parte dos camponeses no concelho de Sever do Vouga, de terrenos baldios que os serviços florestais haviam usurpado aos camponeses.
 - b) concentração de .L.000 pequenos produtores de gado em Paredes, protestando contra a importação de carne.
- Recentemente em Lisboa, milhares de estudantes manifestaram-se contra o aumento de preços na Cantina Universitária, não pagando as refeições durante um dia e batendo com os talheres nos pratos.

5. Os estudantes do Porto devem não só solidarizar-se com a luta do povo Português contra o aumento do custo de vida, participando activamente em campanhas nos mercados e estabelecimentos comerciais através da recolha de assinaturas para abaixo-assinados e moções de protesto, como também desencadear nas escolas e cantinas acções de protesto e de denúncia da política governamental.

Unidos com a luta Geral do Povo Português contra o Aumento do Custo de Vida.

Os estudantes democratas do Porto.